

Sermão do Mandato **do Padre António Vieira**

Pregado na Capela Real, no ano de 1645

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. – S. João, XIII, I.

I

Considerando eu com alguma atenção os termos tão singulares deste amoroso Evangelho e ponderando a harmonia e correspondência de todo seu discurso, tantas vezes e por tão engenhosos modos deduzido; vim a reparar finalmente {não sei se com tanta razão como novidade) que o principal intento do Evangelho foi mostrar a ciência de Cristo, e o principal intento de Cristo mostrar a ignorância dos homens.

Sabia Cristo (diz S. João) que «era chegada a sua hora de passar deste Mundo ao Padre»: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*. Sabia que «tinha depositado em sua mão os tesouros da onnipotência e que de Deus viera e para Deus tornava»: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, et quia a Deo exivit, et ad Deum vadit*. Sabia que entre os doze que tinha assentados à sua mesa, estava um que lhe era infiel, e que «o havia de entregar a seus inimigos»: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum*. Até aqui mostrou o Evangelista a sabedoria de Cristo. De aqui adiante continua Cristo a mostrar a ignorância dos homens. Quando S. Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés, declarou-lhe o Divino Mestre a sua ignorância, dizendo: *Quod ego facio, tu nescis*: «O que eu faço, Pedro, tu não o sabes.» Depois de acabado aquele tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentar o Senhor, e voltando-se para os Discípulos, disse-lhes: *Scitis quid fecerim vobis?*: «Sabeis porventura o que acabei agora de vos fazer?» Aquela interrogação enfática tinha força de afirmação; e perguntar sabeis? foi dizer que não sabiam. De maneira que na primeira parte do Evangelho o Evangelista atendeu a mostrar a sabedoria de Cristo, e Cristo na segunda, a mostrar a ignorância dos homens.

Mas se o fim e intento de ambos era o mesmo: se o fim e o intento de Cristo e do Evangelista era manifestar gloriosamente ao Mundo as finezas do seu amor, por que razão o Evangelista se emprega todo em ponderar a sabedoria de Cristo, e Cristo em advertir a ignorância dos homens? A razão que a mim me ocorre, e eu tenho por verdadeira e bem fundada, é porque as duas suposições em que mais apuradamente se afinou o amor de Cristo hoje, foram: da parte de Cristo a sua ciência, e da parte dos homens a nossa ignorância. Se da parte de Cristo, amando, pudera haver ignorância, e da parte dos homens, sendo amados, houvera ciência, ainda que o Senhor obrara por nós os mesmos excessos, ficariam eles e o seu amor (não no preço mas na estimação) de muito inferiores quilates. Pois para que o Mundo levante o pensamento de considerações vulgares e comece a sentir tão altamente das finezas dos de Cristo, como elas merecem, advirta-se {diz o Evangelista) que Cristo amou, sabendo: *Sciens Jesus*: e advirta-se (diz Cristo) que os homens foram amados, ignorando: *Tu nescis*.

Está proposto o pensamento mas bem vejo que não está declarado. Em conformidade e confirmação dele pretendo mostrar hoje, que só Cristo amou finamente, porque amou sabendo: *Sciens*; e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando: *Nescis*; unindo-se. Porém, e trocando-se de tal sorte o *sciens* com o *nescis* e o *nescis* com o *sciens*; que estando a ignorância da parte dos homens e a ciência da parte de Cristo, Cristo amou, sabendo como se amara, ignorando; e os homens foram amados, ignorando, como se foram amados, sabendo. Vá agora o amor destorcendo este fios. E espero que todos vejam a fineza deles.

II

Primeiramente só Cristo amou, porque amou sabendo: *Sciens*. Para inteligência desta amorosa verdade, havemos de supor outra não menos certa, e é que, no Mundo e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor, não é amor, é ignorância. Pintaram os Antigos ao amor menino; e a razão, dizia eu o ano passado, que era porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob com Raquel, o de Jónatas com David, e outros grandes, ainda que poucos. Pois se há também amor que dure muitos anos, porque no-lo pintam os sábios sempre menino? Desta vez cuido que hei-de acertar a causa. Pinta-se o amor sempre menino, porque ainda que passe dos sete anos, como o de Jacob, nunca chega à idade de uso da razão. Usar de razão e amar, são duas cousas que não se juntam. A alma de um menino que vem a ser? Uma vontade com affectos e um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista uma alma; porém o primeiro rendido é o entendimento. Ninguém teve a vontade febricitante, que não tivesse o entendimento frenético. O amor deixará de variar, se for firme, mas não deixará de tresvariar se é amor. Nunca o fogo abrasou a vontade, que o fumo não cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração. que não houvesse fraqueza no juízo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E como o primeiro efeito ou a última disposição do amor, é cegar o entendimento, daqui vem que isto que vulgarmente se chama amor. tem mais partes de ignorância; e quantas partes tem de ignorância, tantas lhe faltam de amor. Quem ama porque conhece, é amante; quem ama porque ignora é néscio. Assim como a ignorância na ofensa diminui o delicto, assim no amor diminui o merecimento. Quem, ignorando, ofendeu, em rigor não é delinquente; quem, ignorando, amou, em rigor não é amante.

É tal a dependência que tem o amor destas duas suposições, que o que parece fineza, fundado em ignorância, não é amor; e o que não parece amor, fundado em ciência, é grande fineza. As duas primeiras pessoas deste Evangelho nos darão a prova: Cristo e S. Pedro. Transfigurou-se Cristo no Monte Tabor, e vendo S. Pedro que o Senhor tratava com Moisés e Elias de ir morrer a Jerusalém, para o desviar da morte, deu-lhe de conselho que ficasse ali: *Domine, bonum est nos hic esse*. Esta resolução de S. Pedro, considerada como a considerou Orígenes, foi o maior acto de amor que se fez, nem pode fazer no Mundo, porque se Cristo não ia morrer a Jerusalém, não se remia o género humano; se não se remia o género humano, S. Pedro não podia ir ao Céu: e que quisesse o grande Apóstolo privar-se da glória do Céu, porque Cristo não morresse na Terra; que antepusesse a vida temporal de seu Senhor à vida eterna sua, foi a maior fineza de amor a que podia aspirar o coração mais alentado. Deixemos a S. Pedro, e assim vamos a Cristo.

Em todas as cousas que Cristo obrou neste Mundo, manifestou sempre o muito que amava os homens; contudo, uma palavra disse na cruz, em que parece se não mostrou muito amante: *Sitio*: «Tenho sede.» Padecer Cristo aquela rigorosa sede, amor

foi grande; mas dizer que a padecia e significar que lhe dessem remédio, parece que não foi amor. Afecto natural, sim; affecto amoroso, não. Quem diz a vozes o que padece, ou busca o alívio na comunicação ou espera o remédio no socorro; e é certo que não ama muito a sua dor, quem a deseja diminuída ou aliviada. Quem pede remédio ao que padece, não quer padecer; não querer padecer, não é amar: logo, não foi acto de amor em Cristo dizer: *Sitio*: «Tenho sede.» Contraponhamos agora esta acção de Cristo na cruz e a de S. Pedro no Tabor. A de S. Pedro, parece que tem muito de fineza; a de Cristo, parece que não tem nada de amor. Será isto assim?

Dois Evangelistas o resolveram com duas palavras O Evangelista S. João com um *sciens*; e o Evangelista S. Lucas com um *nesciens*. O que em S. Pedro parecia fineza, não era amor, porque estava fundado em ignorância: *Nesciens quid diceret*. O que em Cristo não parecia amor, era fineza, porque estava fundado em ciência: *Sciens quia omniu consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit: Sitio*. Apliquemos por cada parte Quando S. Pedro disse: *Bonum est nos hic esse*, «não sabia o que dizia»: *Nesciens quid diceret*, porque estava transportado e fora de si. E assim todas aquelas finezas que considerávamos, pareciam amor, e eram ignorâncias; pareciam affectos da vontade e eram erros do entendimento. Se aquela resolução de S. Pedro se fundara no conhecimento das consequências que dissemos, não há dúvida que fora o mais excelente acto de amor a que podia chegar a bizzaria de um coração amoroso; mas como a resolução se fundava na ignorância do mesmo que dizia, em vez de sair com título de amante, saiu com nome néscio, porque amar ignorando, não é amar, é não saber.

Não assim Cristo. Porque quando disse *Sitio*, sabia mui bem que, acabados já todos os outros tormentos, faltava só por cumprir a profecia do fel: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit: Sitio*. E assim aquelas tibiezas que considerávamos, parecia que não eram amor, e eram as maiores finezas; parecia que eram um desejo natural, e eram o mais amoroso e requintado affecto. Se Cristo dissera: – Tenho sede, – cuidando que lhe haviam de dar água, era pedir alívio; mas dizer: – Tenho sede, – sabendo que lhe haviam de dar fel, era pedir novo tormento. E não pode chegar a mais um amor ambicioso de padecer, que pedir os tormentos por alívios, e para remediar uma pena, dizer que lhe acudam com outra. Dizer Cristo que tinha sede, não foi solicitar remédio à necessidade própria; foi fazer lembrança à crueldade alheia. Como se dissera: Lembrai-vos, homens. do fel, que vos esquece: *Sitio*. Tão diferente era a sede de Cristo do que parecia: parecia desejo de alívios, e era hidropisia de tormentos. De sorte que a ciência com que obrava Cristo e a ignorância com que obrava Pedro, trocaram estes dois affectos de maneira que o que em Pedro parecia fineza, por ser fundado em ignorância, não era amor: e o que em Cristo não parecia amor, por ser fundado em ciência, era fineza. E como a ciência ou a ignorância é a que dá ou tira o ser, e a que diminui ou acrescenta a perfeição do amor, por isso o Evangelista S. João se funda todo em mostrar o que Cristo sabia, para provar o que amava: *Sciens quiu venit hora ejus, in finem dilexit eos*.

III

Quatro ignorâncias podem concorrer em um amante, que diminuem muito a perfeição e merecimento de seu amor: Ou porque não se conhecesse a si; ou porque não conhecesse a quem amava; ou porque não conhecesse o amor; ou porque não conhecesse o fim onde há-de parar, amando. Se não se conhecesse a si, talvez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecesse. Se não conhecesse a quem amava, talvez queria com grandes finezas a quem havia de aborrecer, se o não ignorara. Se não conhecesse o amor talvez se empenharia cegamente

no que não havia de empreender se o soubera. Se não conhecesse o fim em que havia de parar, amando, talvez chegaria a padecer os danos a que não havia de chegar, se os previra. Todas estas ignorâncias que se acham nos homens, em Cristo foram ciências e em todas e cada uma crescem os quilates do seu estremado amor. Conhecia-se a si conhecia a quem amava, conhecia o amor e conhecia o fim onde havia de parar, amado. Tudo notou o Evangelista. Conhecia-se a si, porque «sabia que não era menos que Deus, Filho do Eterno Padre»: *Sciens quia a Deo exivit*. Conhecia a quem amava, porque sabia quão ingratos eram os homens, e quão cruéis haviam de ser para com ele: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum*. Conhecia o amor e bem à custa do seu coração, pela larga experiência do que tinha amado: *Cum dilexisset suos*. Conhecia, finalmente, o fim em que havia de parar, amando. que era a morte; e tal morte: *Sciens quia venit hora ejus*. E que conhecendo-se Cristo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amor e conhecendo o fim cruel em que havia de parar, amando; amasse contudo?! Grande excesso de amor!: *In finem dilexit!* Para que conheçamos quão grande e quão excessivo foi, vamo-lo ponderando por partes em cada uma destas circunstâncias de ciência.

Primeiramente, foi grande o amor de Cristo, porque nos amou. conhecendo-se: *Sciens quia a Deo exivit*. Que conhecendo-se Cristo a si, nos amasse a nós, grande e desusado amor!

Enquanto Páris ignorante de si e da fortuna do seu nascimento, guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do monte Ida, dizem as histórias humanas. que era objecto dos seus cuidados Enone, uma formosura rústica daqueles vales. Mas quando o encoberto príncipe se conheceu e soube que era filho de Príamo, rei de Tróia, como deixou o cajado e o surrão, trocou também de pensamento. Amava humildemente, enquanto se teve por humilde; tanto que conheceu quem era logo desconheceu a quem amava. Como o amor se fundava na ignorância de si o mesmo conhecimento que desfz a ignorância, acabou também o amor. Desamou príncipe, o que tinha amado pastor; porque, como é falta de conhecimento próprio nos pequenos levantar o pensamento, assim é afronta da fortuna nos grandes abater o cuidado. Ah príncipe da glória, que assim parece vos havia de suceder convosco! Mas não foi assim! Quem ouvisse dizer que nos amava o Filho de Deus com tanto extremo, parece que poderia pôr em dúvida, se o Senhor se conhecia ou vivia ignorante de quem era. Pois para que a verdade de nossa Fé não perigue nos extremos de seu amor e para que o Mundo não caia em tal engano, saibam todos diz o Evangelista) que Cristo amou, e amou tanto: *In finem dilexit*; mas saibam também que juntamente conhecia quem era: *Sciens quia a Deo exivit*.

Se Cristo não se conhecera, não fora muito que nos amasse; mas amar-nos, conhecendo-se, foi tal excesso, que parece que o mesmo amar-nos, foi desconhecer-se. Disse uma vez a Esposa dos Cantares a seu Esposo que «o amava muito»: *Quem diligit anima mea*. E ele que lhe responderia? *Si ignoras te, o pulcherrima inter mulieres!*: «Formosíssima de todas as mulheres, desconheceis-vos!» Notável resposta! De maneira, que, quando a Esposa afirma ao Esposo que o ama, o Esposo pergunta à Esposa «se se desconhece»: *Si ignoras te*. Esposo discreto e amado, que modo de responder é esse e que consequência tem esta vossa resposta? Quando a Esposa vos assegura o seu amor, vós duvidais-lhe o seu conhecimento?! E quando afirma que vos ama, perguntai-lhe se se desconhece: *Si ignoras te?!* Sim. Porque, conforme a alta estimação que o Esposo fazia dos merecimentos da Esposa, afirmar ela que o amava tanto, era grande razão para duvidar se se não conhecia. Como se dissera o Esposo: Vós dizeis que me amais?: *Quem diligit anima mea?* Pois eu digo que vos não conheceis: *Si ignoras te, o pulcherrima?* Porque se vos conheceis a vós, como é possível que me ameis a mim? Foi necessário que a vós vos faltasse o conhecimento, para que a mim me sobejasse a

ventura. O amor de minha indignidade, vem a parecer ignorância de vossa grandeza: *Si ignoras te*; porque, se não deixáreis de vos conhecer, como vos abateríeis a me amar?

Isto que antigamente disse Salomão à princesa do Egipto, podemos nós dizer com mais razão ao verdadeiro Salomão, Cristo à vista dos extremos de seu amor: *Si ignoras te*. É isto amor, Deus meu, ou ignorância? Amai-nos, ou desconhecei-vos? Verdadeiramente parece que vos esqueceis de quem sois, e que vos tirais da memória, para nos meter na vontade Oh que alta e que profundamente considerou hoje S. Pedro estes dois extremos, quando com assombro do Céu, vos viu diante de si com os joelhos em terra: *Tu mihi!* «Vós a mim?!» Vós a Pedro?! Parece, Senhor, que nem vos conheceis a vós, nem me conheceis a mim. Mas o certo é que a vós vos conheceis, e a mim amais. E é tão grande vossa sabedoria em saber estas desproporções, como vosso amor em ajuntar estas distâncias. Mas em amor infinito bem podem caber distâncias infinitas. Assim o provam as mãos de Deus juntas com os pés dos homens: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*. Eis aí as mãos de Deus: *Coepit lavare pedes discipulorum*. Eis aí os pés dos homens.

Apareceu Deus na sarça a Moisés, e mandou-lhe descalçar os sapatos: *Solve calcea menta de pedibus tuis*. Quando eu lia este passo, admirava-me certo muito, de que a majestade e grandeza de Deus entendesse com os pés de Moisés. Mas quem puser os olhos na sarça, deixará logo de se admirar. A sarça em que Deus apareceu, estava ardendo toda em chamas vivas, e um Deus abrasado em fogo, que muito que se abalance aos pés dos homens? Falando a nosso modo, nunca Deus se conheceu melhor, que quando estava na sarça, porque ali definiu sua essência: *Ego sum qui sum*. E que definindo-se Deus, o fogo não se apagasse! Que conhecendo-se Deus essencialmente, as labaredas em que ardia não se diminuíssem! Grande amor! Definir-se e esfriar-se, fora tibieza; definir-se e arder, isso é amar Não fora Deus quem é, se não amara como amou. O definir-se foi declarar a sua essência: o arder foi provar a definição. O mesmo aconteceu a Cristo hoje: *Sciens Quia a Deo exivit, ponit vestimenta sua*. «Sabendo que era Filho de Deus, começou a despir as roupas.» Quem sabia que era Filho de Deus, conhecia-se; quem lançava de si as roupas, abrasava-se: e conhecer e abrasar-se, isso é amor: *In finem dilexit*.

IV

A segunda ignorância que tira o merecimento ao amor, é não conhecer quem ama a quem ama. Quantas cousas há no Mundo muito amadas, que, se as conhecera quem as ama haviam de ser muito aborrecidas! Graças logo ao engano e não ao amor. Serviu Jacob os primeiros sete anos a Labão, e ao cabo deles, em vez de lhe darem a Raquel, deram-lhe a Lia. Ah enganado pastor e mais enganado amante! Se perguntarmos à imaginação de Jacob por quem servia, responderá que por Raquel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que é, e o que há-de ser, dirá com toda a certeza, que serve por Lia. E assim foi. Servis por quem servis não servis por quem cuidais. Cuidais que os vossos trabalhos e os vossos desvelos são por Raquel, a amada, e trabalhais e desvelai-vos por Lia, a aborrecida. Se Jacob soubera que servia por Lia, não servira sete anos nem sete dias. Serviu logo ao engano e não ao amor, porque serviu por quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta história no teatro do coração humano, e não com diversas figuras, se não na mesma! A mesma que na imaginação é Raquel, na realidade é Lia; e não é Labão o que engana a Jacob, senão Jacob o que se engana a si mesmo. Não assim o divino amante, Cristo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Raquel, mas amava a Lia conhecida como Lia. Nem a ignorância lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objecto ao trabalho. Amou e

padeceu por todos, e por cada um, não como era bem que eles fossem, senão assim como eram. Pelo inimigo, sabendo que era inimigo; pelo ingrato, sabendo que era ingrato; e pelo traidor, «sabendo que era traidor»: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.*

Deste discurso se segue uma conclusão tão certa como ignorada; e é que os homens não amam aquilo que cuidam que amam. Porquê? Ou porque o que amam não é o que cuidam; ou porque amam o que verdadeiramente não há. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama e não defeitos. Cuidais que amais diamantes d.e firmeza, e amais vidros de fragilidade; cuidais que amais perfeições angélicas, e amais imperfeições humanas. Logo, os homens não amam o que cuidam que amam. Donde também se segue que amam o que verdadeiramente não há; porque amam as cousas, são como são, senão como as imaginam; e o que se imagina, e não é, não o há no Mundo. Não assim o amor de Cristo, sábio sem engano: *Cum dilexisset suos, qui erant in Mundo.*

Notai o texto e a última cláusula dele, que parece supérflua e ociosa, – Como amasse aos seus que havia no Mundo –. Pois onde os havia de haver? Fora do Mundo?! Claro está que não. Logo se bastava dizer – como amasse aos seus – porque acrescenta o Evangelista, – «os seus que havia no Mundo»? – *Suos qui erant in mundo.* Foi para que entendêssemos o conhecimento com que Cristo amava aos homens, mui diferente do que os homens amam. Os homens amam muitas cousas que as não há no Mundo: amam as cousas como as imaginam; e as cousas como eles as imaginam, havê-las-á na imaginação, mas no Mundo não as há. Pelo contrário, Cristo amou os homens como verdadeiramente eram no Mundo, e não como enganosamente podiam ser na imaginação: *Cum dilexisset suos, qui erant in Mundo.* Não amou Cristo os seus, como vós amais os vossos. Vós amai-os como são na vossa imaginação, e não como são no Mundo. No Mundo são ingratos, na vossa imaginação são agradecidos; no Mundo são traidores, na vossa imaginação são leais; no Mundo são inimigos, na vossa imaginação são amigos. E amar ao inimigo cuidando que é amigo; e ao traidor, cuidando que é leal; e ao ingrato, cuidando que é agradecido, não é fineza. é ignorância. Por isso o vosso amor não tem merecimento, nem é senão engano. Só o de Cristo foi verdadeiro amor e verdadeira fineza, porque amou os seus como eram e com inteira ciência do que eram – ao inimigo sabendo o seu ódio; ao ingrato, sabendo a sua ingratidão; e ao traidor, sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.*

Mas se esta ciência de Cristo era universal, em respeito de todos os Discípulos (que eram os seus que havia no Mundo) porque nota mais particularmente o Evangelista o conhecimento desta mesma ciência, em respeito de Judas, advertindo que sabia o Senhor qual era o que havia de entregar? *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum?* Tão inteiramente conhecia Cristo a Judas, como a Pedro, e aos demais; mas notou o Evangelista com especialidade a ciência do Senhor, em respeito de Judas, porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor. Ora vede: Definindo S. Bernardo o amor fino, diz assim: *Amor non quaerit causam, nec fructum:* «O amor fino não busca causa nem fruto.» Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fruto: e amor fino não há-de ter porquê nem para quê. Se amo porque me amam, é obrigação, faço o que devo; se amo para que me amem, é negociação busco o que desejo. Pois como há-de amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo, amo, ut amem:* amo, porque amo e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido; quem ama, para que o amem, é interesseiro quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Cristo, em respeito de Judas, fundada na ciência que tinha dele e dos demais discípulos.

Na prática desta última ceia, disse Cristo aos discípulos: *Jam non dicam vos servos, sed amicos* – «Discípulos meus, daqui em diante não vos hei-de chamar servos, senão amigos». Sendo isto assim, lede todos os Evangelistas, e achareis que só a Judas chamou amigo, quando disse: *Amice, ad quid venisti?* Pois, Senhor, não está aí Pedro, não está aí João, que merecem mais que todos o nome de amigos? Porque lhes não dais a eles este nome, senão a Judas? A Judas, o inimigo?? A Judas, o falsário?! A Judas, o traidor, o nome de amigo?! *Amice?!* Hoje sim. Porque Cristo neste dia não buscava motivos ao amor, buscava circunstâncias à fineza. Os outros discípulos sabia Cristo que o amavam, e sabia que o haviam de amar até dar a vida por ele. Porque o amavam tinha o seu amor causa e porque o haviam de amar, tinha fruto. Pelo contrário, Judas nem amava a Cristo, porque o vencia, nem o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até à morte; e amar o Senhor a quem o não amava, nem o havia de amar, era amar sem causa e sem fruto, e por isso a maior fineza. Amar ingratidões conhecidas, cousa é que algumas vezes se acha no amor. Mas ninguém amou uma ingratidão sabida que aí mesmo não amasse um agradecimento esperado. Só Cristo foi tão fino e tão amante, que amou sem correspondência, porque amou a quem sabia que o não amava; e sem esperança, porque amou a quem sabia que o não havia de amar. Por isso dá o título de amigo só a Judas não porque lhe merecesse o amor, mas porque lhe acreditava a fineza. Amar por razões de amar isso fazem todos; mas amar com razões de aborrecer só o Faz Cristo. Fez das ofensas obrigações e dos agravos motivos; porque era obrigação do seu amor chegar à maior fineza: *In finem dilexit*.

V

A terceira circunstância de ciência, que grandemente subiu de ponto o amor de Cristo, foi o conhecimento que tinha do mesmo amor. Cristo conhecia todas as cousas com três ciências altíssimas: com a ciência divina, como Deus; com a ciência beata, como bem-aventurado; com a ciência infusa, como cabeça do género humano e Redentor do Mundo. O amor ainda o conheceu com outra quarta ciência, que foi a experimental e adquirida; porque, assim como diz S. Paulo que aprendeu a obedecer padecendo, assim aprendeu a amar, amando. E isto é o que ponderou muito S. João advertindo que «amou, tendo amado»: *Cum dilexisset, dilexit*.

Questão é curiosa nesta filosofia qual seja mais precioso e de maiores quilates: se o primeiro amor, ou o segundo. Ao primeiro ninguém pode negar que é o primogénito do coração, o morgado dos affectos, a flor do desejo e as primícias da vontade. Contudo, eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro é bisonho, o segundo é experimentado; o primeiro é aprendiz, o segundo é mestre; o primeiro pode ser ímpeto, o segundo não pode ser senão amor. Enfim, o segundo amor, porque é segundo, é confirmação e ratificação do primeiro, e por isso não simples amor, senão duplicado, e amor sobre amor. E verdade que o primeiro amor é o primogénito do coração; porém a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas não por isso o maior.

A primeira vez que Jónatas se afeiçoou a David, diz a Escritura Sagrada que lhe fez juramento de perpétuo amor: *Inierunt autem David et Jonatas foedus; diligebat enim eum, quasi animam suam*. Passaram depois disto alguns tempos de firme vontade, posto que de vária fortuna: torna a dizer o texto que Jónatas fez segundo juramento a David de nunca faltar a seu amor: *Et addidit Jonatas dejerare David, eo quod diligeret illum*. Pois se Jónatas tinha já feito um juramento de amar a David, porque faz agora outro? Porventura quebrou o primeiro, para que fosse necessário o segundo? E certo que o não quebrou, porque não fora Jónatas o exemplo maior da amizade, se o não fora

também da firmeza. Pois se o amor estava jurado ao princípio, porque o jura outra vez agora? Porque foi mui diferente matéria jurar o amor antes de conhecido, ou jurá-lo depois de experimentado. Quando Jónatas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amar, porque o não experimentara; quando jurou a segunda vez, já tinha larga experiência do que era e do que custava, pelo muito que padeceu por David; e era tão diferente o conceito que Jónatas fazia agora de um amar a outro, que julgou que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorância passada não diminuísse o merecimento presente, por isso fez juramento de novo amor. Não novo, porque deixasse de amar alguma hora, mas porque era pouco o que dantes prometera, em comparação do muito que hoje amava. Então prometeu como conhecia, agora prometia como experimentara. Que Jónatas se resolvesse a amar a David, quando não conhecia as paixões deste tirano afecto, não foi muita fineza; mas depois de conhecer seus rigores. depois de sofrer suas sem-razões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padecer suas tiranias, depois de sentir ausências, depois de chorar saudades, depois de resistir contradições, depois de atropelar dificuldades, depois de vencer impossíveis; arriscando a vida. desprezando a honra, abatendo e autoridade, revelando secretos, encobrando verdades, desmentindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, cativando o alvedrio, morrendo dentro de si, por tormento e vivendo em seu amigo, por cuidado: sempre triste, sempre afligido, sempre inquieto, sempre constante, apesar de seu pai e da fortuna de ambos (que todas estas finezas diz a Escritura fez Jónatas por David); que depois digo, de tão qualificadas experiências de seu coração e de seu amor, se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar! Isto sim, isto é amor.

O mesmo digo do nosso fino amante, com a vantagem que vai de Filho de Deus à filho de Saul. Se Cristo pudera não conhecer o amor, ou o não conheceu por experiência, menos fora que nos amasse; por8m, conhecendo experimentalmente o amor, e o amor seu, e sabendo que este fora tão rigoroso, que o arrancou do peito de seu pai; que foi tão desumano, que o lançou na terra em um presépio; que foi tão cruel que, a oito dias de nascido, lhe tirou o sangue das veias; que foi tão desamoroso, que antes de dois meses de idade, o desterrou sete anos para o Egipto, e que era tão tirano, que, se lhe não tirou a vida a mãos de Herodes, foi porque se não contentava com tão pouco sangue; que conhecendo Cristo que este era o seu amor, não desistisse, nem se arrependesse, antes continuasse a amar, grande amor! Grande, porque amou; mas muito maior, porque amou sobre ter amado: *Cum dilexisset, dilexit*.

Bem vejo que me replicam os teólogos que o amor de Cristo desde o primeiro instante até o último, sempre foi igual e nunca cresceu. Assim o dia a razão. Se o diminuir no amor é descrédito, também é descrédito o crescer. Quem diz que ama mais, desacredita o seu amor, porque ainda que o crescer seja aumento, é aumento que supõe imperfeição. Amor que pode crescer, não é amor perfeito. Pois se o amor perfeitíssimo de Cristo, sempre foi igual, e nunca cresceu, como dizemos que hoje foi maior? Todos respondem, e bem; que foi maior mos efeitos. Mas eu como mais grosseiro, ainda na mesma substância do amor, não posso deixar de reconhecer alguma consideração de maioria. Confesso que não cresceu, mas bem se pode ser maior sem crescer. Uma coluna sobre a base, uma estátua sobre a peanha, cresce sem crescer. Assim o amor de Cristo hoje, porque foi amor sobre amor. E como a base e a peanha, não só era da mesma substância, senão a mesma substância do amor de Cristo, não só fica hoje mais subido, senão, em certo modo, maior. E tanto isto assim, que, a meu ver, não podem ter outro sentido as palavras do Evangelista: *Cum dilexisset, dilexit*: «Como amasse, amou.» Estas palavras dizem mais do que soam. Amasse e amou não têm mais diferença do que no tempo; na significação, não têm diversidade. Que nos diz logo de

novo o Evangelista? Se dissera – *como amasse muito, agora amou mais* –, bem estava; isso é o que queria provar. Mas se queria dizer que *amou mais*, como diz somente que amou? Porque o diz com tais termos, que dizendo só que amou fica provado que amou mais: *Cum dilexisset, dilexit* «Como amasse, amou»; e isto de amar sobre haver amado, não é só amar depois, senão mar mais. Não diz só relação de tempo, senão excesso de amor. E como o Evangelista queria subir de ponto o muito que o Senhor amou hoje, entendeu que, para encarecer o amor presente, bastava supor o passado.

Quando Deus mandou a Abraão que lhe sacrificasse seu filho, em todo o rigor da propriedade hebreia, diz o texto assim: *Tolle filium tuum; quem dilexisti Isaac*: «Sacrifica-me teu filho Isaac, a quem amaste.» A quem amas parece que havia de dizer, porque todo o intento de Deus, foi encarecer o amor, para dificultar o sacrifício. Pois porque não diz: sacrifica-me o filho que amas, senão o filho que amaste? Por isso mesmo. Queria Deus encarecer o amor para dificultar o sacrifício, e em nenhuma coisa podia encarecer mais o amor presente, que na suposição do passado. Sacrifica-me o filho não só que amas, senão que amaste, porque amar sobre haver amado, é o maior amor. Por isso o Evangelista hoje, comparando amor com amor, não fez comparação de grande a excessivo senão de primeiro a segundo: *Cum dilexisset, dilexit*. Esta foi a primeira e segunda ferida do coração, de que o nosso divino Amante, muito antes de o amor lhe tirar as setas, já se gloriava: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*. A primeira ferida, foi a do amor passado; a segunda, a do amor presente; e para prova de qual foi maior e mais penetrante, se não basta ser ferida sobre ferida, baste saber que som a primeira viveu e que á segunda lhe tirou a vida: *Cum dilexisset, in finem dilexit*. E somos entrados, sem o pretender, na quarta consideração.

VI

A quarta e última circunstância em que a ciência de Cristo afinou muito os extremos de seu amor, foi saber e conhecer o fim onde havia parar, amando: *Sciens quia venit hora ejus*. De muitos contam as histórias que morreram, porque amaram; mas porque o amor foi só a ocasião e a ignorância a causa, falsamente lhes deu a morte o epítáfio de amantes. Não é amante quem morre porque amou, senão quem amou para morrer. Bem notável é neste género o exemplo do príncipe Siquém. Amou Siquém a Dina, filha de Jacob, e rendeu-se tanto aos impérios de seu affecto, que, sendo príncipe soberano, se sujeitou a tais condições e partidos, que a poucos dias de desposado lhe puderam tirar a vida Simeão e Levi, irmãos de Diná. Amou Siquém, e morreu; mas a morte não foi troféu de seu amor, foi castigo de sua ignorância. Foi caso e não merecimento; porque não amou para morrer, ainda que morreu porque amou. Deveu-lhe Dina o amor, mas não lhe deveu a morte; antes por isso nem o amor lhe deveu. Que quem amou, porque não sabia que havia de morrer, se o soubera não amara. Não está o merecimento do amor na morte, senão no conhecimento dela.

Vede-o em Abraão e Isaac claramente. Naqueles três dias em que Abraão foi caminhando para o monte do sacrifício com seu filho Isaac, ambos iam igualmente perigosos, mas não iam igualmente finos. Iam igualmente perigosos, porque um ia a morrer, outro a matar ou a matar-se: mas não iam igualmente finos, porque um sabia aonde caminhava, o outro não o sabia. O caminho era o mesmo, os passos eram iguais, mas o conhecimento era muito diverso, e por isso também o merecimento. Abraão merecia muito, Isaac não merecia nada; porque Abraão caminhava com ciência, Isaac com ignorância; Abraão ao sacrifício sabido, Isaac ao sacrifício ignorado Esta é a diferença que faz o sacrifício de Cristo a todos os que sacrificou a morte, por culpas do amor. Só Cristo caminhou voluntário à morte sabida, todos os outros sem vontade à

morte ignorada. A Siquém, a Sansão a Amon e aos demais que morreram porque amaram, levou-os o amor à morte, com os olhos cobertos, como condenados; só a Cristo, como triunfador, com os olhos abertos. (Tomara ter mais honradas antíteses; mas estas são as que lemos na Escritura.) Nem Siquém amara a Dina, nem Sansão a Dalila, nem Amon a Tamar, se anteviram a morte que os aguardava. Só a ciência de Cristo conheceu que o seu amor o levava à morte, e só Cristo, conhecendo-a, e vendo-a vir para si, caminhou animosamente a ela: *Sciens quia venit hora ejus*.

Que bem, e que poeticamente o cantou David: *Sol cognovit occasum suum!* «O Sol conheceu o seu ocaso.» Poucas palavras, mas dificultosas. O Sol é uma criatura irracional e insensível. (Porque ainda que alguns filósofos creram o contrário, é erro condenado.) Pois se o Sol não tem entendimento, nem sentidos, como diz o Profeta que o Sol conheceu o seu ocaso?: *Sol cognovit occasum suum?* O certo é (diz Agostinho) que debaixo da metáfora do Sol material, falou David do Sol divino, Cristo, que só é Sol com entendimento. E porque ambos foram mui parecidos em correr ao seu ocaso, por isso retratou as finezas de um nas insensibilidades do outro. Se a luz do Sol fora verdadeira luz de conhecimento; e o ocidente, onde se vai pôr o Sol, fora verdadeira morte, não nos causara grande admiração ver que o Sol, conhecendo o lugar de sua morte, com a mesma velocidade com que sobe ao zênite se precipitasse ao Ocidente? Pois isto foi o que fez aquele Sol divino: *Sol cognovit occasum suum*. Conheceu verdadeiramente o Sol divino o seu ocaso, porque sabia determinadamente a hora em que, chegando aos últimos horizontes da vida, havia de passar deste ao outro hemisfério: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo*. E que sobre este conhecimento certo do fim cruel a que o levava seu amor, caminhasse sem fazer pé atrás, tão animoso ao verdadeiro e conhecido ocaso, como o mesmo Sol material, que não morre nem conhece; grande resolução e valentia de amor! Não só conhecer a morte, e ir a morrer; mas ir a morrer, conhecendo-a, como se a ignorara!

Só S. João que nos deu o pensamento, poderá ter a prova. Quando vieram a prender a Cristo seus inimigos, diz assim o Evangelista: *Sciens omnia, quae ventura erant super eum, processit, et dixit: quem quaeritis*: «Sabendo o Senhor tudo o que havia de vir sobre ele, saiu a encontrar-se com os que o vinham prender, e disse-lhes: – A quem buscais?» Parece que se implica nos termos esta narração. Quem sabe, não pergunta. Pois se Cristo sabia tudo, e sabia que o buscavam a ele, e o Evangelista nota que o sabia; porque pergunta como se o não soubera? – A razão e o mistério é porque desde este ponto começava Cristo a caminhar para a morte, e esse foi o modo com que seu amor o levava. Levava-o à morte, sabendo, como se o levava, ignorando. Quem ler o que diz o Evangelista, dirá que Cristo sabia; quem ouvir o que Cristo pergunta cuidará que Cristo ignorava; e, ou na verdade ou na aparência, tudo era. Na verdade sabia e na aparência ignorava; porque de tal maneira amou, e foi a morrer, sabendo, como se amara e morrera ignorando.

Este é o segredo que encobria aquele véu ou aquele misterioso eclipse com que o amor hoje cobriu os olhos a Cristo por mãos de seus inimigos: *Velaverunt eum et percutiebant faciem ejus*. Que sofresse o Senhor outros muitos tormentos, não me espanto, que a tudo se oferece quem sobre tudo ama. Mas de permitir que lhe cobrissem os olhos. parece que não só se podia ofender a sua paciência, senão muito mais seu amor. S. João hoje naquele repetido *sciens*, não tirou as vendas ao amor de Cristo, para que soubesse o Mundo que amava com os olhos abertos? Pois porque permite no mesmo dia que lhe cubram e vendem os olhos? – Porque esta foi a destreza com que o amor de Cristo soube equivocar a ciência com a ignorância. Fez que amasse de tal maneira com os olhos abertos, como se amara com os olhos fechados. Que amasse de tal maneira, sabendo, como se amara, ignorando. Desafrontou-se o amor com aquele

véu que parecia afrontoso, e vingou-se para maior honra sua do que lhe tinha feito S. João. S. João tirou as vendas ao amor de Cristo, e o mesmo amor tornou-as a pôr em Cristo; para que advertíssemos que de tal maneira amou sabendo, e com os olhos fechados: *Velaverunt eum*. Conhecia-se Cristo a si, e amou como se não se conhecesse; sabia o que amava, e amou como se não o soubesse; tinha experimentado o amor, e amou como se o não experimentara; previu o fim a que havia de chegar amando e amou como se o não previra. E porque amou, sabendo, como se amara, ignorando, por isso só ele amou; e soube amar finamente: *Sciens, sciens sciens, sciens in finem dilexit eos*.

VII

Temos considerado o amor de Cristo pelas advertências de S. João. Consideremo-lo agora pelas advertências do mesmo Cristo, que, como quem o conhecia melhor, serão es mais bem ponderadas e mais profundas. Apostaram hoje o maior amante e o maior Amado – Cristo e S. João – apostaram, digo, a encarecer os extremos do mesmo amor; e depois que S. João disse quanto soube, advertindo que Cristo amara, sabendo: – «Já (diz Cristo) que não é essa a maior circunstância que sobe de ponto o meu amor. Se os homens querem saber a fineza com que os amei não a ponderem pela minha sabedoria, ponderem-na pela sua ignorância. Amei muito aos homens, porque os amei, sabendo Eu tudo, mas muito maior foi meu amor, porque os amei, ignorando eles quanto eu os amava: *Quod ego facio, tu nescis*.» Por mais que os homens façam discursos e levantem pensamentos, nunca poderão chegar a conhecer o amor com que os amou Cristo, nem em quanto Deus, nem em quanto homem; e que se resolva Cristo a amar a quem não só lhe não havia de pagar o amor, mas nem ainda o havia de conhecer! Que não haja de ter o meu amor, não só a satisfação de pago, mas nem ainda o alívio de conhecido! Esta foi a maior valentia do coração amoroso de Cristo, e esta a maior dificuldade, porque rompeu a força do seu amor.

E senão, façamos esta questão: Que é o que mais deseja e mais estima o amor: ver-se conhecido ou ver-se pago? E certo que o amor não pode ser pago, sem ser primeiro conhecido; mas pode ser conhecido, sem ser pago. E considerando divididos estes dois termos, não há dúvida que mais estima o amor e melhor lhe está ver-se conhecido que pago. Porque o que o amor mais pretende, é obrigar; o conhecimento obriga, a paga desempenha. Logo, muito melhor lhe está ao amor ver-se conhecido que pago; porque o conhecimento aperta as obrigações, a paga e o desempenho desata-as. O conhecimento é satisfação do amor próprio; a paga é satisfação do amor alheio. Na satisfação do que o amor recebe, pode ser o afecto interessado; na satisfação do que comunica, não pode ser senão liberal. Logo, mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a satisfação da sua liberalidade, que ver duvidosa na paga a fidalguia do seu desinteresse. O mais seguro crédito de quem ama, é a confissão da dívida no amado; mas como há-de confessar a dívida, quem a não conhece? Mais lhe importa logo ao amor o conhecimento que a paga; porque a sua maior riqueza é ter sempre indvidado a quem ama. Quando o amor deixa de ser credor, só então é pobre. Finalmente, ser tão grande o amor que se não possa pagar é a maior glória de quem ama: se esta grandeza se conhece, é glória manifesta; se não se conhece, fica escurecida, e não é glória. Logo, muito mais estima o amor, e muito mais deseja e muito mais lhe convém a glória de conhecido, que a satisfação de pago. Baste de razões, vamos à Escritura.

A maior façanha do amor humano foi aquela animosa resolução com que o Patriarca Abraão, antepondo o amor divino ao natural e paterno, determinou tirar a vida a seu próprio filho. Teve Deus mão na espada ao desamorado e amorosíssimo servo seu; e o que lhe disse imediatamente, foi: *Nunc cognovi quod timeas Deum*. «Agora

conheço, Abraão que me amas.» Isto quer dizer aquele *timeas*, em frase da Escritura, e assim o trasladam muitos e interpretam todos: *Nunc cognovi quod diligis Deum*. Depois disto, apareceu ali um cordeiro grande embaraçado entre umas sarças, que deu alegre fim ao não imaginado sacrifício, o qual acabado, tornou Deus a falar a Abraão, e disse-lhe: – *Quia fecisti hanc rem, benedicam tibi et multiplicabo semen tuum sicut stellas coeli*: «Em prémio desta acção que fizeste, será tua geração bendita, multiplicarei teus descendentes como as estrelas», nascerá de ti o Messias.

Este foi historialmente o caso. Reparemos agora nele. Duas vezes falou Deus aqui com Abraão, e duas cousas lhe disse: uma logo, quando lhe deteve a espada, e outra depois. A que lhe disse logo, foi que conhecia que o amava: *Nunc cognovi quod diligis Deum*. A que lhe disse depois, foi que lhe premiaria liberalmente aquela acção: *Quia fecisti rem hanc etc.* Pois pergunto: porque diz Deus a Abraão em primeiro lugar, que conhecia seu amor e no segundo, que o premiaria? E já que dilatou para depois as promessas do prémio, porque não dilatou também as certificações do conhecimento? *Nunc cognovi?* Fadou Deus como quem conhece os corações, e sabe o que mais estima quem verdadeiramente ama. Primeiro. certificou a Abraão, de que conhecia seu amor, e reservou para depois o assegurar-lhe que o havia de premiar; porque, como Abraão era tão verdadeiro e fino amante mais estimava ver o seu amor conhecido, que pago. Às promessas do prémio, dilatam-se embora; mas as certificações do conhecimento dêem-se dogo e no mesmo instante. Porque mais facilmente sofrerá um grande amor as dilações ou esperanças de pago, que as dúvidas de conhecido. Antes digo que foi necessária a consequência de dizer Deus a Abraão que conhecia seu amor, quando lhe mandava suspender a espada; porque, se Abraão não ficara certo de que seu amor estava já conhecido, sem dúvida executara o golpe, para que o sangue da melhor parte de seu coração dissesse a gritos quão verdadeiramente amava. E que estimando o amor sobre tudo verse conhecido, e não conhecendo os homens o amor de Cristo (antes sendo impossível conhecê-lo como ele é) vencesse seu amor esta dificuldade e atropelasse este impossível e apesar dele e de si mesmo, amasse, estupenda resolução de amor!

VIII

Muito custou a Cristo amar-nos, muito padeceu, amando-nos; porém a mais rigorosa pena a que o condenou seu amor, foi que amasse a quem o não havia de conhecer. Isto é o que mais sente, isto é o que mais lastima a quem ama. Dois desmaios ou dois acidentes grandes padeceu a Esposa dos Cantares, causados ambos do seu amor. Um foi logo no princípio dele, que se escreve no Capítulo II; outro foi depois de haver já amado muito, e se refere no Capítulo V. Houve-se, porém, a Esposa nestes dois acidentes com diferença mui digna de consideração e reparo. No primeiro acidente, disse: *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo*: «Acudi-me com confortativos, trouxe-me rosas e flores, porque estou enferma de amor.» No segundo diz: *Adjuro vos, filie Jerusalem, si inveneritis dilectum, ut nuntietis ei, quia amore langueo*: pelo que vos mereço, filhas de Jerusalém, que busqueis a meu Amado, e lhe façais saber que estou enferma de amor.» Notável diferença! Se a Esposa em ambos os casos estava igualmente enferma de amor: *Quia amore langueo*; por que razão no primeiro acidente pediu remédios e confortativos, e no segundo não? E se no segundo não teve cuidado de dir remédios, porque encomenda com tanto encarecimento às amigas e lhes de juramento de que o façam saber a seu Esposo? *Adjuro vos, ut nuntietis dilecto?* Não se podia melhor pintar a verdade do que dizemos. No primeiro acidente em que a Esposa era ainda principiante no amor, pediu somente remédios para a enfermidade, porque os efeitos penosos que experimentava seu coração eram os que mais lhe doíam. Porém no

segundo acidente em que o amor era já perfeito e consumado em vez de lhe dizer que acudam com remédios a seu mal, diz que acudam com notícias à seu Amado, porque não lhe doía tanto a sua dor, porque ela a padecia, quanto porque ele a ignorava. Acudiu a Esposa primeiro ao que lhe doía mais; e mais lhe doíam os afectos do seu amor, porque ignorava a causa, que porque os padecia o sujeito. Por isso em vez de dizer: Trazei-me remédios, dizia: Levai-lhe notícias. Tanto a afligiam as penas do seu amor, muito mais por ignoradas, que por padecidas! O mesmo foi em Cristo.

No Salmo XXXIV, conforme o texto grego, diz assim o Filho de Deus: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt*: «Caíram sobre mim tantos açoutes, e ignoraram.» para inteligência deste affecto, havemos de supor que de todos os tormentos de sua paixão, nenhum sentiu Cristo tanto como o dos açoutes. Bastava a razão por prova; mas o mesmo Senhor o declarou, quando descobriu aos discípulos o que havia de padecer: *Tradetur gentibus, et illudetur, et flagellabitur, et conspuetur, et postquam flagellaverint, occident eum*. Em todos os outros tormentos, e na mesma morte, falou só uma vez; porém o tormento dos açoutes repetiu-o duas vezes: *Flagellabitur, et postquam flagellaverint*, porque o que mais sente o coração, naturalmente sai mais vezes à boca. Diz pois o Senhor: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt*: «Caíram sobre mim tantos açoutes e ignoraram.» Afligido Jesus, que termos de falar são estes? Se foram os açoutes o tormento de vós mais sentido, parece que havíeis de dizer: «Caíram sobre mim os açoutes. Oh como os senti! Oh como me atormentaram!» Mas em vez de dizer que os sentiu e que o atormentaram, queixa-se somente o Senhor de que os ignoraram; porque, no meio dos maiores excessos do seu amor, o que mais atormentava o coração de Cristo não era o que ele padecia, senão o que os homens ignoravam: *Et ignoraverunt*. Não se queixa dos açoutes, e queixa-se da ignorância; porque os açoutes afrontam a Pessoa, a ignorância desacredita o amor. E quem amava com tanto extremo, que quis comprar os créditos do seu amor à custa das afrontas de sua Pessoa. que visse enfim a Pessoa afrontada, e o amor não conhecido, oh que insofrível dor! E porque esta falta de conhecimento é o que mais sente e mais deve sentir quem ama, por isso ponderou Cristo a fineza de seu amor, não pela circunstância de sua ciência, senão pela de nossa ignorância: *Quod ego facio, tu nescis*. Muito mais realça o amor de Cristo este *nescis*, que o *sciens* de S. João, tantas vezes repetido. Porque se foram grandes circunstâncias de amor, amar, conhecendo-se a si, e conhecendo a quem amava, e conhecendo o amor, e conhecendo o fim em que havia de parar, amando, sobre todas estas considerações se levanta e remonta incomparavelmente empregar todos esses conhecimentos e todo esse amor por quem o não havia de conhecer: *Tu nescis*.

IX

Mas sendo assim que as ignorâncias dos homens eram por uma parte o maior sentimento e por outra o maior crédito do amor de Cristo, usou o mesmo amor tão finamente delas, que tomou estas mesmas ignorâncias por instrumento de aos acreditar a nós, sem reparar nas consequências com que se podia descreditar a si. Subindo Cristo à Cruz, isto é, ao trono de seu amor, no mais público teatro dele, que foi o Calvário, a primeira palavra que falou, foi esta: *Pater, admitte illis, non enim sciunt quid faciunt*: «Eterno Pai, perdoai aos homens, porque não sabem o que fazem.» Porque não sabem o que fazem, Perdoador amoroso?! E sabe vosso amor o que vos obriga a fazer nesta razão que alegais? Se a nossa ignorância nos faz menos ingratos, também vos faz a vós menos amante, porque na pedra da ingratidão afia o amor as suas setas, e quanto a dureza é maior, tanto mais as afia. Como formais logo desculpas a nossas ingratidões,

donde podíeis crescer motivos a vossas finezas? Cuidei que tinha dito a maior delas todas. mas esta foi a maior. Chegou Cristo á diminuir o crédito de seu amor, para dissimular e encobrir os defeitos do nosso, e quis parecer menos amante, só para que nós parecêssemos menos ingratos. Assim usou da ignorância dos homens, sendo a consideração da nossa ignorância o mais apurado motivo da sua fineza.

Mas por isso mesmo veio a não ser assim, e onde arriscou o amor de Cristo a sua opinião, de ali saiu com ela mais acreditada. Porque não pode chegar a maior fineza um amante, que a estimar mais o crédito do seu amado que o crédito do seu amor. Exemplo deste primor, só no mesmo Cristo se pode achar.

Nasceu Cristo em um presépio, e diz por boca do Evangelista que nasceu ali, «porque não havia lugar na Cidade»: *Quia non erat ei locus in diversorio*. Evangelista sagrado, não digais tal cousa! Seria essa a ocasião, mas não foi essa a causa Nasceu Cristo em um presépio, porque foi tão amante dos homens, que logo quis padecer por eles aquele desamparo; e nasceu fora da cidade, porque foram os homens tão duros e tão ingratos, que lhe não quiseram dar abrigo dentro em Belém. Pois se o amor de Cristo e a ingratidão dos homens, foram a causa, porque se cala o merecimento de Cristo, e a culpa, que era dos homens, se atribui à ocasião e ao tempo? *Quia non erat ei locus in diversorio?* O certo é que mais amante se mostrou Cristo na causa que apontou, que no desamparo que padeceu. O que era eleição sua quis que parecesse necessidade; e o que era ingratidão nossa, quis que parecesse contingência, para que na contingência ficasse dissimulada a ingratidão e na necessidade o amor. A ingratidão acrescentava a fineza, a necessidade diminuía o amor, e quis Cristo parecer menos amante para que os homens parecessem menos ingratos. Assim amou no princípio da vida, e assim acabou no fim dela. Por isso desculpa a ingratidão dos homens com a sua ignorância: *Non enim sciunt quid faciunt*, sendo a mesma ignorância dos homens o maior crédito de seu amor: *Quod ego facio, tu nescis*.

X

Este foi, Cristãos; o amor de Cristo, esta a ciência e as ciências com que nos amou, e esta a ignorância e ignorâncias sobre que somos amados. Tragamos sempre diante dos olhos este *sciens*, e este *nescis*; tenhamos sempre na memória (que o mesmo Senhor tanto nos recomendou neste dia) a sua ciência e a nossa ignorância. Sirva-nos a sua ciência de espartador, para nunca deixar de amar; sirva-nos a nossa ignorância de estímulo, para sempre amar mais e mais a quem tanto nos amou. Como não havemos de amar sempre, a quem sempre está vendo e conhecendo se o amamos? Como não havemos de amar muito a quem nos amou tanto, que jamais o poderemos alcançar, nem conhecer?

Oh que confusão tão grande será a nossa, se bem considerarmos a força e correspondência deste *sciens* e deste *nescis*! Quando Cristo perguntou tantas vezes a S. Pedro se o amava, respondeu ele, atônito da pergunta: *Tu, Domine, scis quia amo te*: «Bem sabeis vós Senhor, que vos amo.» Comparai agora este *tu scis* de Pedro, dito a Cristo, com o *tu nescis* de Cristo, dito a Pedro. Quando Cristo ama a Pedro, não sabe Pedro quanto o ama Cristo: *Tu nescis*. Mas quando Pedro ama a Cristo, sabe Cristo quanto o ama Pedro: *Tu scis*. Oh que desproporção tão notável de amor e de ciência! O amor de Pedro, sabido; o amor de Cristo, ignorado. O amor de Cristo padece a nossa ignorância; o nosso padece a sua ciência: e ambos podem estar igualmente queixosos. O de Cristo queixoso, porque o não conhecem os homens: *Tu nescis*; o dos homens queixoso, porque o conhece Cristo: *Tu scis*. Se Cristo não conhecesse o amor dos homens, tivera o nosso amor essa consolação nas suas tibiezas; e se os homens

conheceram o amor de Cristo, tivera o seu amor essa satisfação nos seus excessos. Mas que sendo o amor de Cristo tão excessivo, não o conheçam os homens! E que sendo o amor dos homens tão imperfeito o conheça Cristo! Mui igual e mui desigual sorte é a de ambos. O remédio que isto tinha, Senhor, era que vós e nós trocássemos os corações. Se vós nos amásseis com o nosso coração, proporcionado seria o amor e o merecimento, e bastaria a nossa ignorância para o conhecer. E se nós vos amássemos com o vosso, amar-vos-íamos quanto mereceis, e só a vossa ciência conheceria o nosso amor. más já que isto não pode ser, vós, que só vos conheceis, vos amai; vós, que só conheceis vosso amor o pagai E seja única glória vossa e sua saber-se que só de vós pode ser pago, e só de vós conhecido. Assim o cremos, assim o confessamos, e prostrados aos pés de vosso amor lhe oferecemos uma eterna coroa, tecida deste nescis e deste *sciens: Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.*

Obra digitalizada e revista por José Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, Agosto de 1997

<http://www.ipn.pt/literatura>
